



O Mundo Visto do Centro Bernardo Ivo Cruz

Mas não fica pedra sobre pedra?

As primeiras semanas do Presidente Trump na Casa Branca têm sido uma montanha russa de decisões sobre os mais diversos assuntos. E ao contrário do que algumas pessoas mais otimistas esperavam, as promessas que Donald Trump fez na campanha não foram vãs.

Das muitas ordens executivas assinadas e posições anunciadas pelo Presidente, há 3 áreas que são particularmente importantes para o nosso país e que nos devem preocupar pelo o que nos dizem sobre as posições que os Estados Unidos assume no comércio externo, na defesa e na diplomacia multilateral.

No que toca ao comércio Internacional, Trump anunciou a entrada em vigor de tarifas de 10% sobre a China e de 25% sobre o Canadá e o México. Para além das perdas económicas destas alterações, que se calculam em cerca de 10 biliões de dólares, a decisão de Washington significa o fim da NAFTA, o acordo de comércio livre da América do Norte. Se o Presidente Trump está a minar o comércio externo com os seus parceiros mais próximos, o que poderemos esperar quando se tratar de países ou regiões com quem os EUA têm menos afinidades, como a UE?

Na área da defesa, Trump insiste em ocupar a Gronelândia, parte da Dinamarca e membro da NATO, a organização de defesa que une os países do Atlântico Norte. Ou seja, o Presidente poderá estar a colocar em causa o mecanismo de cooperação militar e de defesa entre a Europa, Estados Unidos e Canadá, que foi fundamental

“

Para Portugal as posições da Casa Branca são particularmente graves, pois colocam em causa 3 dos pilares da nossa política externa. De facto, só seremos capazes de garantir a nossa prosperidade e a defesa dos nossos interesses se vivermos num mundo onde o direito internacional, a abertura dos mercados e a diplomacia multilateral forem os pilares da organização do sistema. Tudo que a visão Trumpiana não é.”

na garantia da segurança desde o fim da segunda guerra mundial.

Finalmente, o Presidente dos Estados Unidos anunciou o abandono da Organização Mundial de Saúde, do Protocolo de Paris – que é a base da cooperação internacional no combate às alterações climáticas – e congelou o financiamento americanos a muitas das agências e programas da Organização das Nações Unidas, dificultando uma parte importante das suas atividades. Ou seja, Trump está a paralisar os mecanismos de cooperação internacional que estão as bases do sistema internacional nos últimos 80 anos.

As decisões de Trump devem preocupar todas as pessoas que partilham a convicção que a cooperação internacional é necessária para fazer face aos muitos desafios que enfrentamos coletivamente, sabendo que questões como o controle da proliferação nuclear ou o combate às alterações climáticas só funcionarão se todos trabalharmos juntos.

Para Portugal as posições da Casa Branca são particularmente graves, pois colocam em causa 3 dos pilares da nossa política externa. De facto, só seremos capazes de garantir a nossa prosperidade e a defesa dos nossos interesses se vivermos num mundo onde o direito internacional, a abertura dos mercados e a diplomacia multilateral forem os pilares da organização do sistema. Tudo que a visão Trumpiana não é.

Professor Convidado IEP/UCP e NSL/UNL

OLHAR

Entre 160 mil pessoas e 200 mil, dependendo se os dados divulgados eram da autoria da polícia ou da organização, concentraram-se ontem em Berlim num protesto contra a aproximação da direita conservadora à extrema direita. Esta manifestação aconteceu a três semanas das eleições legislativas na Alemanha. “Shame on you CDU” (Que vergonha, CDU) ou “Merz sem coração” (em referência ao líder da CDU, Friedrich Merz), eram algumas das palavras de ordem escritas em cartazes empunhados pelos manifestantes, na contestação à decisão dos conservadores democratas-cristãos de se aliarem no partido de extrema-direita AfD com o objetivo de tentar passar no parlamento um diploma para limitar a imigração. Essa aliança parlamentar desfez um tabu político no país, onde desde o fim da II Guerra Mundial os partidos tradicionais recusavam qualquer colaboração a nível nacional com a extrema-direita

FOTO DE EPA/HANNIBAL HANSCHKE



A Psicologia ao serviço de todos nós Rute Agulhas

Não se aceita. Ponto.

A respeito do caso recente de duplo homicídio e suicídio presenciado por um bebé de 16 meses, que a todos nos inquieta e interpela na tentativa de encontrar soluções para esta criança, refletimos esta semana sobre o que poderá vir a acontecer. Terá memórias desta vivência traumática? Que variáveis poderão mediar o impacto desta situação, a curto, médio e longo prazo?

Neste tipo de situações, a imaturidade inerente à idade acaba por ser um fator protetor, na medida em que diminui a probabilidade de a criança manter

memórias claras sobre esta vivência. Mas, mesmo na ausência de memórias mais conscientes, as vítimas de situações traumáticas mantêm, muitas vezes, memórias que podem vir a ser ativadas mais tarde, podendo ter diversos gatilhos – como um cheiro, uma imagem ou uma sensação. Não raras vezes, também, as crianças que experienciam condições adversas evidenciam alterações de comportamento ou humor (por exemplo, maior apatia ou agressividade, birras mais difíceis de gerir, ansiedade de separação), bem como alterações nos padrões de sono (sendo frequentes